

“Ainda Estou Aqui” e o Luto na Ditadura
“I’m Still Here” and Mourning in the Dictatorship

Julia Vitória Castro da Silva¹, Faculdade UMFG, juliasilva2003@gmail.com

Yasmim Leiva Alfonso², Faculdade UMFG, yasmimleiva23@icloud.com

Rubia Guimarães Schley³, UniCesumar, rubia.schley@umfg.edu.br

Resumo: Este trabalho tem como objetivo refletir sobre o processo de luto durante a ditadura militar, a partir da análise do filme “Ainda Estou Aqui”. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que utiliza o filme como material principal para discutir conceitos psicológicos relacionados ao luto, seguindo cinco etapas 1) visualização do filme; 2) fichamento dos principais trechos do filme; 3) levantamento bibliográfico 4) fichamento dos textos selecionados; 5) análise dos dados. Com base no filme e na literatura utilizada, o trabalho aponta como o luto é um processo emocional que envolve a reconstrução da identidade, a preservação das memórias e a adaptação a uma nova fase da vida, marcada pela ausência, mas também pela continuidade dos vínculos afetivos.

Palavras-chave: Ditadura militar; Negação; Sofrimento Psíquico; Identidade familiar; Luto coletivo.

Abstract: This paper aims to reflect on the process of grief through the analysis of the film Still Here. It is qualitative research that uses the film as the main material to discuss psychological concepts related to grief, following five stages: 1) watching the film; 2) summarizing the key scenes of the film; 3) literature review; 4) summarizing the selected texts; 5) data analysis. Based on the film and the literature used, the paper highlights how grief is an emotional process that involves the reconstruction of identity, the preservation of memories, and the adaptation to a new phase of life marked by absence, but also by the continuation of affective bonds.

Keywords: Military dictatorship; Denial; Psychological suffering; Family identity; Collective grief.

1 INTRODUÇÃO

O filme “Ainda Estou Aqui”, dirigido por Walter Salles, conta a história real de Eunice Paiva e seus filhos após o desaparecimento de Rubens Paiva, durante a ditadura militar no Brasil. A narrativa discorre sobre a violência do Estado, mas também o impacto psicológico e familiar de um luto interrompido, sem corpo, sem respostas e sem um fim claro. Este trabalho busca entender o processo de luto vivido pela família com base na Psicologia, utilizando as teorias de John Bowlby, Pauline Boss e o Modelo do Processo Dual de Stroebe e Schut.

De acordo com Dantas et al. (2021), na sociedade atual existe uma tendência de negar a morte, o que dificulta a vivência do luto. No caso do filme, esse luto é ainda mais difícil por se tratar de uma morte política, que ficou por décadas sem reconhecimento oficial. A história da família Paiva mostra como o luto pode ser tanto individual quanto coletivo e político, marcado pela falta de respostas e pelo silêncio imposto pela história.

Diante disso, o filme reflete sobre a importância do reconhecimento das perdas, da valorização da memória e da busca por justiça, tanto no nível individual quanto coletivo. Entender o luto vivido

¹ Graduanda em Psicologia pela Faculdade UMFG, por meio do Programa Universidade para Todos (Prouni);

² Graduanda em Psicologia pela Faculdade UMFG, por meio do Programa Universidade para Todos (Prouni);

³ Psicóloga especialista em Psicologia da Saúde e Hospitalar, docente da UMFG.

pela família Paiva é também compreender as marcas que a violência política deixa nas pessoas e na história de um país.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e interpretativo, que busca refletir criticamente sobre o processo do luto e seus aspectos psicológicos vivenciado pela família de Rubens Paiva, a partir do filme “Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles. A pesquisa envolveu cinco etapas: 1) visualização do filme; 2) fichamento dos principais trechos do filme; 3) levantamento bibliográfico; 4) fichamento dos textos selecionados; 5) análise dos dados.

Inicialmente, foi realizada uma pesquisa em diversas plataformas de streaming, tais como Netflix, YouTube e HBO Max, para verificar onde o filme estava disponível. Devido à ausência do filme na Netflix e HBO Max, o filme foi encontrado e assistido no Globoplay. Logo após, foi realizado o fichamento dos principais trechos do filme, o qual destacou às cenas que expressam o sofrimento psíquico, os efeitos da ausência e a elaboração do luto. Em seguida, foi elaborado um fichamento analítico com os trechos mais significativos do ponto de vista psicológico, com foco em expressões do luto ambíguo, da resistência emocional e da negação da morte.

A terceira etapa consistiu na realização de um levantamento bibliográfico em livros, artigos científicos e produções acadêmicas disponíveis em bases como Scielo, PePSIC e Lilacs. O objetivo foi identificar textos teóricos que tratassem dos temas de luto, perda ambígua, teoria do apego e do Modelo do Processo Dual. Os critérios de seleção consideraram a atualidade das obras e sua relevância para o diálogo com a narrativa do filme. Os textos escolhidos foram fichados com destaque para os conceitos centrais relacionados ao luto complicado, às manifestações emocionais diante da perda e à oscilação entre enfrentamento e evitação, conforme proposto por Stroebe e Schut. Por fim, foi realizada uma análise qualitativa que relacionou os dados do filme aos referenciais teóricos utilizados, permitindo a construção de uma leitura crítica e aprofundada sobre o luto vivido por Eunice e seus filhos, marcado pela violência de Estado, pelo silêncio institucional e pela ausência de reconhecimento oficial da morte de Rubens Paiva. A metodologia adotada possibilitou compreender o luto como fenômeno multifacetado, atravessado por dimensões subjetivas, políticas e históricas.

3 RESULTADOS: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO

3.1 A MORTE NA DITADURA E A IMPOSSIBILIDADE DO LUTO

A ausência de um corpo, de um enterro ou de qualquer confirmação oficial da morte de Rubens deixou a família Paiva em um estado de espera constante, sem saber ao certo o que sentir ou como seguir. Isso caracteriza o chamado luto ambíguo, conceito de Pauline Boss (apud Nascimento et al., 2006), que acontece quando a perda não é clara nem reconhecida, dificultando que a pessoa consiga elaborar emocionalmente a morte.

No filme, isso aparece logo na cena da despedida silenciosa, quando Rubens é levado pelos militares e sua filha pergunta para onde ele vai, mas não recebe nenhuma resposta. A partir daquele momento, a família entra num vazio, sem explicações ou acolhimento, isto é, se inicia o processo da perda. Como aponta Marques (2015), a falta de informações, de rituais, como o velório, enterro, a despedida do sujeito, e a visualização do seu corpo impedem que o luto siga seu curso de forma saudável.

A ditadura, além de tirar Rubens de forma violenta da família e da casa, também negou aos familiares o direito de viver o luto como algo legítimo. O Estado não foi só responsável pela violência

física, mas também pelo silêncio que se seguiu, tal silêncio que durou décadas, não somente com a família Paiva, mas com muitas outras famílias brasileiras.

3.2 A TEORIA DO APEGO E A INTENSIDADE DO LUTO

A dor da perda está muito ligada à relação que se tinha com quem partiu. Segundo Bowlby (apud Meireles & Lima, 2016), quanto mais forte e seguro for o vínculo, mais intenso será o sofrimento. No caso de Rubens, ele era um pai presente, afetuoso e que participava da vida dos filhos, ou seja, por isso que sua ausência é ainda mais sentida, sendo mais difícil de lidar, já que ele tinha um vínculo muito forte com os familiares, assim como Bowlby dialoga em sua teoria.

Isso fica muito claro na cena da foto com sorriso, em que durante uma entrevista sobre o desaparecimento de Rubens, o fotógrafo pede para a família tirar uma foto com uma expressão menos feliz, mas Eunice fala para os filhos que eles devem sorrir.

Figura 1 – Família Paiva



Fonte: Pinterest

Cada filho reage de um jeito: Vera, a mais velha, não consegue esconder a dor e mantém o rosto sério; já os irmãos tentam forçar um sorriso. Essa cena mostra como o luto não é igual para todo mundo, pois cada um sente, expressa e enfrenta a dor de maneira diferente. A cena ilustra aquilo que Bowlby (apud Meireles & Lima, 2016), propõe: a perda de uma figura de apego tão significativa desorganiza emocionalmente, e o modo como cada membro da família responde a essa ausência reflete a profundidade do vínculo e o impacto do rompimento.

3.3 O LUTO COMO PROCESSO INDIVIDUAL E FAMILIAR

O luto é um processo complexo que afeta toda a família, pois envolve aspectos psicológicos, sociais e emocionais, sendo vivido de forma única por cada pessoa (Parkes, 1998). Dentro dessa perspectiva, o Modelo do Processo Dual, de Stroebe e Schut (Caye, 2024), explica que o enlutado oscila entre dois movimentos: a orientação para a perda, quando entra em contato com a dor e as lembranças; e a orientação para a restauração, quando busca se adaptar à nova realidade e retomar a vida. Essa alternância é essencial para evitar que a pessoa fique presa apenas na dor ou na fuga do sofrimento.

A partir disso, é possível analisar como a personagem Eunice, em diferentes momentos,

expressa essas duas formas de enfrentamento do luto. Na cena do sorvete, ao perceber o clima de tristeza após a notícia da ausência de Rubens, ela propõe um passeio com os filhos, criando um momento de leveza e acolhimento, representando a orientação para a restauração, pois busca adaptar a família à nova realidade. Já na cena do banho representa o luto de Eunice diante do trauma da tortura sofrida durante a ditadura militar. Ao se esfregar intensamente no chuveiro, ela expressa a dor emocional e a sensação de violação, em que busca uma adaptação diante da situação. A cena é marcada pela força da memória e pela dificuldade de elaborar a perda por meio do processo dual entre enfrentamento e evasão, caracterizando a orientação para a perda.

Portanto, as atitudes de Eunice evidenciam como a oscilação entre a dor e a busca por adaptação faz parte de um processo de luto mais saudável, mostrando na prática os conceitos propostos pelo Modelo do Processo Dual.

3.4 A MORTE NA CONTEMPORANEIDADE: SILÊNCIO, TABU E RESISTÊNCIA

Dantas et al. (2021) apontam que, atualmente na sociedade, a morte continua sendo um tabu, isto é, algo que muita gente evita falar, como se fosse um incômodo ou um fracasso. Isso fica ainda mais evidente quando ocorrem as mortes políticas, como a de Rubens, que foi silenciada por décadas. O filme mostra como a ausência de uma versão oficial sobre o que aconteceu impede que a família consiga viver o luto de forma legítima, com o reconhecimento que ele merece.

Um dos momentos mais marcantes é quando Eunice, já idosa e com Alzheimer, vê Rubens na televisão e o reconhece, mesmo sem conseguir dizer nada. É uma cena forte porque mostra que o luto não passou, ele ficou ali, guardado na memória emocional dela, num lugar onde nem o esquecimento conseguiu apagar. Essa experiência pode ser compreendida à luz do Modelo do Processo Dual de Stroebe e Schut (Caye, 2024), que propõe que o enlutado oscila entre a dor da perda e a restauração da vida cotidiana. O luto, segundo essa perspectiva, não é um processo linear ou com um fim definido, pois ele caminha junto com a pessoa, podendo ser reativado por lembranças, sentimentos de saudade ou momentos de reconexão com a ausência. A cena evidencia justamente essa oscilação: mesmo com as limitações da memória, a presença de Rubens ainda habita o afeto e a história de Eunice.

A frase que dá nome ao filme, “Ainda estou aqui”, representa exatamente isso, ou seja, a dor que permanece, a presença que resiste, e a força de Eunice em manter viva a história do marido e da luta da família.

3.5 ENCERRAMENTO SIMBÓLICO E ELABORAÇÃO DO LUTO

O reconhecimento oficial da morte, seja por meio de rituais ou documentos oficiais, é fundamental para que a pessoa enlutada consiga aceitar e processar essa perda. Esse processo auxilia na compreensão da realidade da morte e promove a elaboração do luto (Worden, 2009 apud Marques, 2015). Diante disso, a entrega do atestado de óbito a Eunice e seus filhos, depois de 25 anos de busca, é um ponto importante, visto que esse momento representa tanto um sentimento de alívio quanto de tristeza, marcando o encerramento de uma luta e representa a dor prolongada do luto.

Segundo a Teoria do Apego de Bowlby (1998 apud Nascimento et al., 2006), quando ocorre a perda de alguém importante, isso desperta nos enlutados sentimento de insegurança e desamparo, fazendo do luto uma reação natural diante dessa separação. No final, a família se reúne e prepara o soufflé, mostrando que, mesmo diante da ausência de Rubens, eles não deixaram sua memória se apagar. Esse gesto simboliza a resistência ao esquecimento e a continuidade dos laços familiares.

Dessa forma, a alegoria do soufflé ressalta a importância da memória como um fio que une diferentes gerações. A perda não atinge apenas o momento atual em que é vivenciada, mas também marca o futuro da história e da identidade familiar. O gesto da família ao preparar o soufflé mostra

que, mesmo diante da ausência, é possível preservar as lembranças e manter vivos os laços construídos ao longo do tempo. Portanto, o luto não está apenas relacionado à ausência física da pessoa que partiu, mas envolve um processo de reconstrução da identidade dos que ficam. Além disso, o luto inclui a importância de preservar as memórias e histórias que dão significado à existência (Nascimento et al., 2006; Meireles & Lima, 2016).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme “Ainda Estou Aqui” evidencia a complexidade do luto diante da morte ambígua e silenciada pela ditadura militar, em que impediu a família de Rubens Paiva de vivenciar um luto socialmente reconhecido, pois a ausência do corpo e dos rituais que regem após a morte, dificultam a elaboração emocional, caracterizando o luto ambíguo. A análise mostra que o forte vínculo intensifica a dor, e que o luto se manifesta como um processo oscilante entre enfrentar a perda e buscar a restauração da vida cotidiana.

O silêncio político e social em torno dessas mortes prolonga o sofrimento, como ilustrado pela resistência de Eunice e a persistência da memória familiar. A entrega tardia do atestado de óbito e a metáfora do soufflé simbolizam a necessidade de reconhecimento e preservação da memória para que o luto possa ser elaborado.

Este trabalho atingiu seus objetivos ao compreender o luto político e coletivo como um fenômeno multifacetado, marcado por dimensões pessoais, históricas e culturais. Recomenda-se que pesquisas futuras aprofundem as formas de ressignificação da memória em contextos de violência política, contribuindo para a reparação social e o fortalecimento da identidade.

REFERÊNCIAS

CAYE, Raquel Soares. **O enfrentamento do luto pela abordagem teórica do modelo do processo dual**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) – Universidade La Salle, Canoas, 2024.

DANTAS, Jurema Barros; BORGES, Jean Elyson Rodrigues; DUTRA, Adryssa Bringel. Entre a morte e a experiência da finitude: histórias e diálogos com o contemporâneo. **Revista Nufen: Fenomenologia e Interdisciplinaridade**, Belém, v. 13, n. 1, p. 41–55, jan.–abr. 2021.

MARQUES, Marlene. Fatores que impedem a resolução do luto. **Psicologia.pt**, 2015. Disponível em: https://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?fatores-que-impedem-a-resolucao-do-luto

MEIRELES, Iara Oliveira; LIMA, Francisca Flávia Loureiro Costa. O luto na fase adulta: um estudo sobre a relação apego e perda na teoria de John Bowlby. **Revista Ciências Humanas – Educação e Desenvolvimento Humano**, UNITAU, v. 9, n. 1, p. 92–105, 2016.

NASCIMENTO, Cecília Cassiano et al. Apego e perda ambígua: apontamentos para uma discussão. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 6, n. 2, p. 426–449, set. 2006.

PARKES, Colin Murray. **Luto: estudos sobre a perda na vida adulta**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1998.